

ALFREDO RIBEIRO DOS SANTOS

História Literária do Porto

através das suas publicações periódicas



Edições Afrontamento

Os nomes dos académicos Leonardo Coimbra, Jaime Cortesão, Álvaro Pinto e Cláudio Basto surgem na direcção de uma revista literária denominada *Nova Silva*, que iniciou a sua publicação no Porto em 2 de Fevereiro de 1907. O último dos jovens deixaria a direcção do periódico logo no 2.º número.

Aparentemente, o acontecimento nada tinha de importante; apenas mais uma revista académica com apresentação muito simples, tendo como originalidade um nome pouco vulgar no título, *Silva*, como sinónimo de miscelânea literária, e uma ortografia sónica. Ostenta uma divisa: "Libertas".

A orientação lógica é proclamada como generosidade e ambição:

LIBERTAS

*Sem servilismos de programas, de escolas,
de dogmas - absolutamente livres de preconceitos -
obedeceremos tão somente aos impulsos de razão
incoercível e indomada.*

Libertas!

*Nas lutas das paixões que convulsionam a
Humanidade, será essa palavra fecunda o estímulo
da nossa actividade, a directriz do nosso esforço.*

Libertas!

*Sim, liberdade e com ela o supremo Bem, a
suprema Justiça¹.*

Logo no primeiro artigo, Leonardo Coimbra, glosando o tema "O Homem livre e o homem legal", define o cidadão como o "homem mutilado"².

"Humor místico" é o título do segundo artigo³; depois, toma uma posição de protesto contra a condução de um processo em foco, em Espanha: "Por Ferrer e

¹ *Nova Silva*, Porto, 1907, n.º 1, p. 2.

² *Idem*.

³ *Idem*, n.º 2, p. 10.

Nakens"⁴. Num outro artigo, aborda o tema "O despotismo em família"⁵. A colaboração compreende ainda matéria pedagógica e breves recensões literárias.

Jaime Cortesão publicara a sua primeira composição, no ano anterior, na revista de Coimbra *O Instituto*, intitulada "Tarde de Romaria". Segue-se a colaboração na *Nova Silva*: "Meu Irmão Rouxinol", uma poesia com sugestões panteístas⁶, "Boa Vizinha"⁷, "Canção da Carne"⁸; os sonetos "A Fonte e a borboleta"⁹ e "Olhos nos Olhos"¹⁰, no domínio do lirismo amoroso. Também na poesia, relevo para o poema de Antero de Quental "Pater"¹¹, e a composição de Gomes Leal "A Canalha"¹².

A revista insere ainda duas poesias inéditas, como "Homenagem aos Mortos", a Eduardo Coimbra e António Rodrigues¹³.

Eduardo Coimbra nasceu no Porto em 1864 e aqui morreu em menos de vinte anos. Pertenceu ao grupo da revista *Mocidade de Hoje*¹⁴ no cenário da boémia literária portuense da época. Publicou um único livro, *Dispersos* (1884), em que, como discípulo de João de Deus, revelou uma grande sensibilidade poética que a morte prematura não permitiu expressar-se em obra definitiva.

De António Rodrigues, chamado também Maravilhas, pela parte da mãe, apenas se sabe que foi estudante-militar da Politécnica do Porto, "figura bocagiana ao mesmo tempo de filósofo e de jogral"¹⁵ e a mais querida de um grupo da boémia

⁴ *Idem*, n.º 4, p. 3, FERRER, Francisco, Educador e reformista nascido em Barcelona, em 1859, foi fuzilado em 1909, por suspeitas dum atentado contra Afonso XIII. NAKENS, José, director de um jornal de Literatura em que publicou artigos considerados subversivos, pelos quais foi perseguido.

⁵ *Idem*, n.º 3, p. 2.

⁶ *Idem*, n.º 1, p. 4.

⁷ *Idem*, n.º 2, p. 6.

⁸ *Idem*, n.º 3, p. 4.

⁹ *Idem*, n.º 4, p. 7.

¹⁰ *Idem*, n.º 5, p. 4.

¹¹ *Idem*, n.º 4, p. 12.

¹² *Idem*, n.º 5, p. 2.

¹³ *Idem*, n.º 2, p. 2-3.

¹⁴ *Idem*, n.º 4, p. 12.

¹⁵ JORGE, Ângelo, "Jornal dum solitário" in *Ideia Livre*, Porto, 1.ª série, n.º 3, Out. 1911, p. 40.

portuense, companheiro de ideal dos jovens da *Nova Silva*. Morreu novo e não se conhece obra publicada em livro.

Campos Lima nasceu no Porto em 1887 e formou-se em Direito pela Universidade de Coimbra. Notabilizou-se como jornalista, orador e activo obreiro de iniciativas de natureza social, como o cooperativismo, e também pelo carácter doutrinário dos seus escritos, então dentro da orientação da *Nova Silva*. Secundária e menos conhecida é a sua inclinação poética, representada por cinco volumes e de que a poesia "A uma mulher simples", a que não falta o sentido social, publicada na revista, é um exemplo.

Preocupação de carácter social têm, igualmente, as poesias de António Ribeiro Seixas (aluno da Escola Médico-Cirúrgica do Porto, cidade onde depois exerceu clínica, sendo cunhado de Leonardo Coimbra).

Notável foi a colaboração artística na revista, que se anunciava ilustrada. Jaime Cortesão iniciou a expressão do seu talento artístico com exemplos de *portrait-charge*: António José de Almeida¹⁶, João Chagas¹⁷, Camilo¹⁸, Campos Lima¹⁹, Antero²⁰, Gomes Leal²¹ e Victor Hugo²². Virgílio Ferreira, estudante de Medicina, mais um predestinado para uma morte precoce pela tísica, ilustrou profundamente a revista, com muita originalidade: série de "tipos das ruas", "tipos dos cafés", "instantâneos" (Ribeiro Seixas, Jaime Cortesão e António Coimbra) e outros temas. José de Meira ilustrou algumas anedotas. Cristiano de Carvalho, então já em plena maturidade de artista e de ideólogo libertário, ilustrou as capas dos três últimos números da revista com temas sociais e políticos.

A vulgarização doutrinária foi a parte mais importante e característica da revista, constituída por trechos de Kropotkine (1842-1921) e Sebastien Faure, Victor Hugo (1802-1885), e muitas citações breves de vários autores, principalmente de Tolstói, e artigos de Heliodoro Salgado, Álvaro Pinto e Cláudio Basto. Os cinco números publicados da *Nova Silva*, até 15 de Abril de 1907,

¹⁶ *Nova Silva*, n.º 1, p. 1.

¹⁷ *Idem*, n.º 2, p. 1.

¹⁸ *Idem*, n.º 3, p. 2.

¹⁹ *Idem*, n.º 4, p. 2.

²⁰ *Idem*, n.º 4, p. 12.

²¹ *Idem*, n.º 5, p. 2.

²² *Idem*, n.º 5, p. 8.

representam a tendência anarquista e anticlerical então dominante na escola estudantil da época.

"Esta revista ilustrada", de publicação quinzenal, teve como editor, inicialmente, Amadeu Encarnação e, depois, Carlos Gonçalves. Cada número tinha 16 páginas e o formato 30 x 20 cm.

A redacção e administração estavam instaladas na Rua de Sta. Catarina, 438, Porto. Era impressa na "Tipografia Civilização", na Rua Passos Manuel, 215, Porto.

A Ideia Libertária

Encontrámos a origem do entusiasmo pela ideia libertária nas condições em que se desenvolveram em Portugal a ideologia republicana e o socialismo.

Recordemos que o republicanismo, que surgiu em 1848, foi ultrapassado pela difusão das obras dos teóricos do Socialismo na Era Industrial.

A primeira divulgação das ideias socialistas em Portugal faz-se, principalmente, no meio intelectual, em virtude de o atraso da industrialização e da instrução não darem origem à formação de massas operárias convictas e capazes de acções revolucionárias.

Saint-Simon (1675-1755) e Fourier (1772-1837) foram os principais precursores de Proudhon (1809-1865), o teórico mais importante da facção individualista e o mais influente no pensamento social em Portugal, na segunda metade do século XIX e início do seguinte.

A exaltação do indivíduo, o conceito de amplitude da Liberdade e a rejeição do Estado, como princípio fundamental, dão ao Socialismo de Proudhon um carácter particular: é a origem de uma nova ideologia - o Anarquismo. Os jovens da geração da *Nova Silva* fazem a experiência de uma forma pura e idealista da doutrina libertária. Antero de Quental é a figura tutelar dessa estirpe académica. Sentiam-se fascinados pela sua grandeza simbólica. O Anarquismo resultava da elevação do indivíduo e do conceito de Liberdade no espírito doutrinário de Proudhon, como a Liberdade e a Justiça eram princípios fundamentais do pensamento anterior.

O Anarquismo desta geração académica tinha uma finalidade individualista: opunha-se ao Socialismo e era hostil a qualquer tipo de colectivismo. Com

Proudhon, atribuía à justiça uma acção quase divina; com Tolstói, uma atitude pacifista, a aceitação do Amor na sociedade (para alguns, também o anseio de retomar a pureza de um cristianismo primitivo); e, em Kropotkine, o espírito científico, valorizando o auxílio mútuo na origem de uma consciência moral generosa.

Guerra Junqueiro foi, no dizer de José Régio, "a voz mais clamorosa e representativa do seu tempo"²³. Com o original estilo hiperbólico, as sátiras inspiravam a torrente caudalosa duma linguagem rica de metáforas. Pelo efeito empolgante, Junqueiro tornou-se, então, o único poeta de massas, para muitos o Poeta de Raça, paladino das grandes causas sociais. Fora da polémica e da ironia, Junqueiro tirou do interior, da vida dos humildes e da Natureza, novos temas para uma reconstrução espiritualista.

Embora discutido como pensador e como poeta, Junqueiro foi uma das figuras mais influentes que a geração académica de Cortesão aceitou, não somente pelo poder sugestivo da sua obra mas pelo seu sentido cívico. Esse grupo do jovens, como admirador de Vitor Hugo, de quem Junqueiro foi discípulo, e pelas influências comuns de Proudhon e Michelet, encontrava um Anarquismo romântico na poesia junqueiriana.

Quando se publica a *Nova Silva*, Sampaio Bruno tem 50 anos, é o pensador determinante da Filosofia Portuguesa, ensaísta de notável eloquência verbal e doutrinário político idealista, uma figura de grande prestígio na intelectualidade portuense. Bruno, mais pelo ideal de Justiça e extremo individualismo do que por influência de Proudhon, foi um anarquista original, consciente do carácter utópico da ideologia libertária.

Como vimos, Raul Brandão, nascido, como António Nobre, dez anos antes de Pascoaes, teve com este um grande entendimento de ideias, que despertou uma profunda amizade e expressiva colaboração intelectual.

Na complexidade do pensamento de Raul Brandão, ao lado do seu idealismo místico, coexistia o cansaço de uma civilização e a revolta, afirmando um anarquismo expresso na sua mensagem literária decadentista.

Pascoaes, no confronto de várias ideologias que tinha encontrado em Coimbra, não obstante o considerar "um terrível foco desnacionalizador" que difundia "vagas teorias jurídico-sociais, importadas do estrangeiro", mostra a sua simpatia pelo anarquismo.

²³ RÉGIO, José, *Pequena História da Moderna Poesia Portuguesa*, Cadernos Culturais Inquérito, Lisboa, p. 36.

Mas o encontro que pode considerar-se decisivo para Cortesão e Leonardo dá-se com Cristiano de Carvalho, figura dominante como artista plástico do seu género e como participante activo no anarquismo. Cerca de dez anos mais velho que eles, com a auréola de revolucionário, exilado em Paris, onde foi amigo de Kropotkine, e que, mais tarde, segundo José Augusto França²⁴, deu asilo a Trotsky na sua casa de Matosinhos.

Cristiano de Carvalho nasceu no Porto em 1874 e faleceu em Matosinhos, em 1940. Magnífico e vigoroso desenhador, dispersou o seu talento por numerosas revistas, jornais e cartazes, pelo que a sua obra, sem condições de perdurar, está, hoje, esquecida. A crítica social é o tema constante sob a forma de sátira e humor. Notáveis são ainda os seus penetrantes retratos.

Figura do Porto, por todos conhecido e admirável conversador, "o mordaz Cristiano, de lavallière à moda dos «rapins», foi um caso de dispersão daqueles tempos, em que a boémia absorvia o sonho", como o descreveu o escultor e crítico de arte Diogo de Macedo²⁵.

Cristiano de Carvalho ilustrou a *Nova Silva* nos seus últimos números, tendo também colaborado em muitas publicações da época.

No campo das realizações, Álvaro Pinto, na *Nova Silva*, anunciou o projecto de Campos Lima de criar uma Escola Livre em Coimbra, apresentando as ideias gerais do seu plano: Ensino Integral - Obra de Educação e Solidariedade.

Um *Boletim da Escola Livre*, publicado, então, por Álvaro Pinto como órgão desse projecto educativo, não passou do primeiro número. Ficou, apenas, a notícia dos contributos de Jaime Cortesão, Leonardo Coimbra e Álvaro Pinto numa subscrição para o efeito.

Atingiu plena realização outro projecto, que ficou famoso pela sua originalidade: "Fundara-se então o grupos *Os amigos do ABC*, transposição portuguesa de análogo grupo que aparece em *Os Miseráveis* de Vitor Hugo, originado no Calembourg: «Les amis de l'Abaissé» (*l'abaissé* era, é claro, o povo). Tinha esse grupo a sua sede lá para os altos da Rua da Fábrica e ali se tratava de iniciar operários no conhecimento das primeiras letras e de lhes formar o cérebro

²⁴ FRANÇA, José Augusto (1974), *A Arte em Portugal, Século XIX*, Lisboa: L. Bertrand, p. 370.

²⁵ MACEDO, Diogo, "Os Primeiros Artistas Plásticos de A *Águia*", in *Portucale*, Porto, Suplemento à 3.ª série, n.º 2, p. 32.

na doutrina anarquista, então familiarmente designada, entre nós, pela palavra «Ideia»²⁶.

Todos colaboraram com grande interesse nesse clube político, "que se propunha realizar uma fraterna acção cultural". Jaime Cortesão, um dos principais obreiros, recordou, muitos anos depois, esta sua primeira experiência de pedagogia activa²⁷.

Ele e Leonardo Coimbra, depois da *Nova Silva*, colaboram noutras publicações anarquistas, como veremos.

Se todos pretendiam uma intervenção social, variavam as tendências, desde os puros idealistas até aos potencialmente revolucionários.

No entanto, o Anarquismo em Portugal somente depois de 1909 deixa de representar um ideal filosófico, para tomar um papel activo nos sindicatos, já com características revolucionárias dominantes na linha do sindicalismo francês e sob a influência de Bakhounine (1814-1876), atraído para a auréola romântica da destruição.

Já o *Grupo do ABC* se tinha dispersado por tertúlias de café e somente Campos Lima e Cristiano de Carvalho seguiam uma orientação anarco-sindicalista.

A Questão Académica de 1907

Tinha saído somente o número 2 da revista *Nova Silva* quando, no final de Fevereiro de 1907, se deu um incidente na Universidade de Coimbra que provocou uma *Questão Académica* que teve a maior importância na vida portuguesa. Um licenciado em Direito, José Eugénio Ferreira, foi reprovado por unanimidade numa prova de doutoramento. O júri mostrou evidente hostilidade premeditada, o que provocou uma revolta de toda a Academia contra a prepotência universitária.

O escândalo propagou-se rapidamente e, sob o pretexto de alguns lentes terem sido vaiados por estudantes, o presidente do Conselho de Ministros, João Franco (Fundão, 1855-1926), antes de qualquer inquérito, encerrou a Universidade até serem julgados os processos disciplinares a instaurar. Embora

²⁶ VIANA, Manuel Couto (1950), "Já lá vão quarenta anos - Leonardo Coimbra", in *Leonardo Coimbra, Testemunhos de Seus Contemporâneos*, Porto: Liv: Tavares Martins, p. 153.

²⁷ CORTESÃO, Jaime, in *Portucale*, Suplemento à 3.ª série, n.º 1, p. 3.

inicialmente a questão não tivesse carácter político, foi atribuída a sua origem a estudantes republicanos, apoiados pelo respectivo partido.

Os estudantes entregaram ao Governo e ao Parlamento uma petição. Foi então posto com clareza o que estava em causa - o ensino na Universidade, nomeadamente na Faculdade de Direito. Os estudantes pretendiam também que os académicos culpados de distúrbios fosse julgados em tribunais comuns, em vez de serem submetidos ao "Foro Académico", instituição tendenciosa e arcaica, que propunham se extinguisse numa próxima reforma.

O professor da Universidade de Coimbra Bernardino Machado (1851-1944) causou sensação ao afirmar publicamente o propósito de demitir-se, se algum dos estudantes fosse expulso. Na verdade, o professor pediu a exoneração e foi-lhe instaurado um processo, porque o Foro Académico condenou sete estudantes à expulsão da Universidade por um e por dois anos, entre eles Campos Lima, colaborador da *Nova Silva*.

Este conflito, que veio pôr em relevo o problema fundamental da educação e a incapacidade da Monarquia em resolvê-lo, teve, no Porto, desde o seu início, uma viva resposta.

Leonardo Coimbra e Jaime Cortesão, pela experiência da sua inadaptação à pedagogia retrógrada da Universidade de Coimbra, surgiram à frente de um movimento de solidariedade. Em 16 de Março, realizou-se no salão do Corpo da Guarda, no Porto, um entusiástico comício em que falaram dois estudantes de Coimbra, Ramada Curto (1886-1961), Carlos Olavo e ainda Leonardo Coimbra e Jaime Cortesão. Então se revelou o talento destes dois últimos oradores nos discursos com que suscitaram o arrebatamento das grandes massas estudantis, sendo lida uma carta de Guerra Junqueiro.

Jaime Cortesão foi escolhido para levar a Coimbra a mensagem de apoio da Academia Portuense. Uma fotografia da *Ilustração Portuguesa* documenta a chegada à Estação Velha. A bela figura de Cortesão domina o grupo.

A revista *Nova Silva*, como publicação de estudantes, interviria na greve académica, e Januário Leite, com Álvaro Pinto, levariam o brado de adesão.

Marcada pelo Governo a reabertura da Universidade para depois das férias da Páscoa, os estudantes não compareceram às aulas, como protesto contra as condenações. A greve estendeu-se às escolas secundárias de Coimbra bem como a Lisboa e ao Porto, com grande adesão na maioria dos diversos estabelecimentos de ensino.

As forças policiais controlavam todas as escolas em greve e muitas vezes intervieram com brutalidade, efectuando algumas prisões.

O movimento grevista adquiriu tal amplitude que o Governo mandou encerrar todos os estabelecimentos do ensino superior.

Causou perturbação, no meio estudantil, um movimento formado pelos pais dos alunos, que surgiu para conseguir uma solução do conflito, de modo a evitar a perda do ano lectivo. A resposta governamental foi mandar requerer matrículas e realizar exames.

Os alunos da Universidade de Coimbra cederam, com excepção de 160 que constituíram o celebrado grupo dos "intransigentes". Entre eles, Januário Leite, colaborador da *Nova Silva*.

Na greve académica do Porto observou-se também uma baixa na grande adesão inicial, mas, sendo o meio académico mais pequeno, os "intransigentes" mais se destacaram. Numa activa propaganda, foi publicado *O Azorrague*, semanário de estudantes inflexíveis, em que colaboraram: Leonardo Coimbra, com um artigo condenando "As Matrículas", Cláudio Basto, Ribeiro Seixas e Amadeu Encarnação (director da folha). Aí se deu conta da acção das comissões junto de cada escola (Jaime Cortesão, na Médico-Cirúrgica), das manifestações de solidariedade e de uma "Galeria de traidores célebres", denunciados com grande violência.

O grupo dos "intransigentes" pouco ultrapassou a dúzia, pois a maioria flectiu, mas manteve-se unido e actuou, um pouco mais tarde, no decorrer da visita que João Franco fez ao Porto, promovendo uma manifestação de hostilidade que terminou com um ataque em forma de força policial aos estudantes da Politécnica, bloqueados no edifício escolar.

Alfredo Ribeiro dos Santos, *História Literária do Porto através das suas publicações periódicas*, Porto, Edições Afrontamento, 2009, pp. 160-164.